

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
FILMar – O Dia Internacional do Mar
30 de setembro de 2022

Å SEILE SIN EGEN SJØ (2002)

“Vida Costeira”

Um filme de Øyvind Sandberg

Realização, fotografia, som e montagem: Øyvind Sandberg / **Música:** Lars Martin Myhre / **Com:** Magnus Røttingen, Nils Olva Solbakken, Regine Bugge, Arne Bøkenes, Oysten Ludvigsen, Snefrid Jakobsen.

Produção: Norsk Filminstitutt, Øy-Film (Noruega) / **Produtor:** Øyvind Sandberg / **Cópia:** DCP, versão original legendada em inglês e com legendas eletrônicas em português, 97 minutos / **Estreia Mundial:** 25 de janeiro de 2022 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca Portuguesa.

Sessão apresentada por Hege Jaer, programadora e investigadora no Norsk FilmInstitutt, especialista na obra de Øyvind Sandberg.

Esta sessão integra o programa FILMar, operacionalizado pela Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema no âmbito do programa EEAGrants 2020-20204.

O cinema de Øyvind Sandberg (1953-2021) é povoado por gestos captados antes de desaparecerem, como se o cinema fosse a possibilidade através da qual a realidade se torna transmissível. É comum percebermos que as paisagens funcionam como a memória coletiva de comunidades que surgem e fogem, como se procurassem construir um modo de vida para lá dos limites da sua própria temporalidade. É, assim, um cinema sobre o tempo, talvez para o nosso tempo, sobretudo quando nos parece impossível conciliar a verdade do cinema com a realidade a partir da qual os filmes se foram construindo.

VIDA COSTEIRA não é diferente de um cinema de dúvida e espanto, tal é a busca incessante que este realizador-antropólogo, desejante explorador e aventureiro cinematográfico faz-tudo, de querer contar na história de quatro pessoas que se tornam protagonistas de uma narrativa de êxodo, isolamento e heroísmo inadvertido, modos de fazer o cinema um arqueólogo emocional. Procurando um cinema empático, íntimo e livre, Øyvind Sandberg, cria um modo de pensar sobre o lugar que ocupam as pessoas na identidade múltipla de um cinema, quando este é espelho de uma geografia – e, portanto, de um país, paisagem e ação humana unidas. Se é um documentário, é-o porque a ideia de documento surge a partir de quatro histórias onde os protagonistas assumem, paradoxalmente, lugar de secundários na narrativa paisagista e temporal que é a Noruega. O documento é aqui a memória que se fixa, tornando-a prática de transmissão.

Ao longo da costa do país, são-nos apresentados, como cartões postais humanos, as memórias de histórias maiores do que aqueles que ali falam: o desassombro social e de género social que é Regine, uma jovem rapariga que acabou de comprar o seu primeiro barco; a solidão de Øystein, último resistente, apesar de ovelhas selvagens e patos comuns – mas de quê e para quem, se não resta mais frente combativa – de uma antiga vila piscatória, Hysvær, já de si integrando um arquipélago de centenas de ilhéus, na sua maioria desabitados, ou então apenas por uma família, num total assombroso de 120 cidadãos, nos tempos áureos da pesca abundante; a memória prática e física de Nils Olav, símbolo de uma transmissão de saber fazer barcos na antiga técnica de Oselvar, que data do século XVI, e, na sua fragilidade de remos e velas, fez a história da ocupação e sobrevivência de territórios costeiros na Noruega e na Escócia; e o futuro cumprido de Magnus que, aos 80 anos, mantém a mesma fábrica de ostras que comprou quando adolescente.

O filme é um exercício de simplicidade, como o era já ELMER E O BARCO FLORIDO (1999), que apresentámos há um ano, nesta mesma data, sobre a memória guardada nas viagens entre ilhéus de um poético e trágico navegador que vendia flores, mas era mais do que isso. É que o cinema de Øyvind Sandberg, talvez se inspirando na utopia que alimentou ao ver incessantemente THE GOLD RUSH, de Charles Chaplin (1925), aventura impregnada de vontade e fome de paisagem, de mudança e de vida em nome próprio, desafiando a incerteza e enfrentando a agrura da natureza. Ninguém enriquece em VIDA COSTEIRA, pelo menos não no plano material, mas haverá melhor e mais enriquecedora matéria do que a certeza da plenitude? É essa a dúvida que este filme instala, entre o documento e o testemunho, entre a revelação e a pergunta. Os quatro protagonistas são-no por incauta opção fílmica, existem antes e continuarão depois – talvez já só no filme – uma vez fundidos na natureza. E é por isso que VIDA COSTEIRA conquista, celebrando, a felicidade da escolha e a confiança da aventura. A possibilidade de moldarem os seus destinos, de o contruírem ao seu tempo e na sua velocidade é a resposta a uma ideia que habita tanto quanto assombra o estar contemporâneo: como viver juntos?

No cinema de Øyvind Sandberg, o horizonte é sempre a memória, possivelmente herdada e continuada na exploração ávida dos textos de Jack London – e como não pensar nas narrativas de THE SEA WOLF (1904), MARTIN EDEN (1909) ou THE MUTINY OF ELSINORE (1912), apenas para referir aquelas onde a própria ideia de indivíduo se molda na observação da relação com os outros e com a própria natureza – a humana, a paisagística e a imaterial - nas investigações jornalísticas na América Latina, e no desejo de partilha que constituiu o seu percurso enquanto professor, ações e funções tidas antes de começar a realizar curtas e longas-metragens. Em todas estas mutações, uma nostalgia enquanto motor para desenhar impressionantes retratos de heróis do quotidiano, vidas banais para quem as vive, mas exemplos contra a adversidade. O que, num gesto não tão peripatético quanto isso torna as figuras que neles habitam o mais próximo possível de tesouros de um património cultura, se na nossa cultura ocidental – tal como acontece, por exemplo, na tradição asiática – também os cidadãos, pelo seu exemplo, pudessem ser tesouros nacionais.

As paisagens de Øyvind Sandberg são, afinal, são só as que a natureza transformou, mas também as que as mulheres e os homens que nela, e dela, vivem, porque nelas e neles habitam as memórias de todos quanto quiserem escrever a sua própria narrativa. Na fronteira do desaparecimento, e quando a memória se tornou arma e discurso para compreender o que e como partilhar, as suas histórias são as histórias que atribuem significado reconhecível ao que tende a ficar nas dobras invisíveis do humanismo e da comunhão. O resto é, como se diz, paisagem.

Tiago Bartolomeu Costa